

Tecendo redes a partir de baixo



Por: Juan Manuel Hurtado López*

Aprender a escutar é algo que requer muito tempo. Significa parar no ritmo vertiginoso das atividades, esforços e ruídos que povoam nossa vida cotidiana. Com as redes sociais, isso se tornou mais difícil. A velocidade das imagens e dos sons não nos dá respiro para ouvir. O primeiro passo, então, é parar, fazer silêncio e depois escutar.

No Êxodo, esse ato de escutar é descrito em referência a Deus, “que escuta o clamor do seu povo” (Êx 3,7). Depois, será Moisés quem escutará Deus falando da sarça ardente no deserto (Êx 3,11-4,17). Mas, para isso, é preciso caminhar muito pelo deserto, muita solidão, muito calor, fome e perigos. Ou seja, **são necessárias certas condições para a escuta.**

Depois, vimos testemunhos de escuta nos profetas como Isaías, Jeremias, Amós. Testemunhos dos juízes, de São José e da Virgem Maria. E de Jesus de Nazaré, que sempre se deixou levar pela voz do Espírito de seu Pai. Mas também **vimos testemunhos fortes de hoje, como Charles de Foucauld, Hélder Câmara, Mons. Óscar Romero, Martin Luther King.**

Nesse contexto da escuta, há três anos começamos a fazer esse exercício. Somos uma pequena diocese, Ciudad Guzmán, no oeste do México, com

apenas 450.000 habitantes. E fizemos isso tentando **escutar os gritos do nosso povo nos bairros, colônias e favelas, nos grupos das Comunidades Eclesiais de Base.**

A primeira coisa que fizemos foi estabelecer um quadro teológico comum como Igreja em caminho, servidora do Reino. Depois, aprofundamos biblicamente a espiritualidade da escuta. **Com base no silêncio, na oração e na escuta dos textos bíblicos, fomos educando pouco a pouco o nosso ouvido.**

Fizemos este exercício durante dois anos, escutando os gritos do nosso povo para ver quais eram os problemas estratégicos, tanto a nível social como eclesial. **Com o ouvido atento à realidade e à Bíblia, descobrimos que o sistema capitalista neoliberal é a causa principal dos outros problemas.** E aqui descobrimos dois problemas estratégicos no âmbito social: a violência estrutural e o empobrecimento. E no âmbito eclesial, descobrimos outros dois grandes problemas: o clericalismo e o modelo conservador de Igreja, e a sacramentalização sem evangelização.

Fizemos este exercício partindo de baixo, de cada bairro, colônia ou aldeia. Depois, fizemos isso na paróquia, logo na zona ou decanato e, fi-

* Presbítero mexicano da diocese de Ciudad Guzmán (Jalisco). Estudou teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e doutorou-se na Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Münster (Alemanha) sob a orientação de Johann Baptist Metz. Faz parte da Amerindia. É consultor de teologia e pastoral indígena e professor de teologia fundamental, antropologia teológica e teologia da libertação.

nalmente, no nível diocesano. Em cada uma dessas instâncias, fizemos, no final, uma assembleia para reunir toda a escuta das pessoas.

Já com os problemas estratégicos, buscamos quais eram as prioridades para trabalhá-las como Igreja. Sempre seguimos o mesmo método: isto é, a partir de baixo, a partir de cada pequeno grupo nos bairros e aldeias. Diante da violência estrutural, apontamos duas prioridades de trabalho: (1) **fomentar a cultura da paz e da justiça;** e (2) **promover o cuidado da água e a defesa de nossas florestas e da terra.** E diante do empobrecimento, colocamos **promover uma economia solidária e justa para uma vida digna.**

E no campo eclesial também buscamos as prioridades a serem trabalhadas. Diante do problema do clericalismo e do modelo de Igreja conservadora, assumimos **promover, animar e fortalecer as Comunidades Eclesiais de Base.** E diante da sacramentalização sem evangelização, escolhemos **promover o espírito e os processos da Iniciação Cristã.**

Este trabalho nos levou três anos: escuta desde as bases até o nível diocesano, e retorno do diocesano até o último bairro, colônia ou rancho. É um tecido nutrido pela oração, pelo silêncio, pela escuta da Palavra de Deus, pela iluminação, pelo discernimento e pela partilha e acordos pastorais que vão dando rosto à nossa Igreja particular para o seu Plano Diocesano de Pastoral. **Para todo este trabalho pastoral, utilizamos o método da conversa no Espírito,** recomendado pelo *Documento final do Sínodo sobre a sinodalidade* convocado pelo Papa Francisco, e vemos que tem dado muitos frutos.

Acreditamos, portanto, que é a partir de baixo, na escuta e no discernimento dos problemas, na conversa no Espírito, que nos permitiu avançar. Posso dizer que **o mais importante foi o processo de escuta que nos educa e permite a participação de todos e todas.** Acredito que percorremos um caminho sinodal durante três anos e isso está configurando o rosto da nossa Igreja.